ISSN: 2358-8829

IMPACTOS, PERCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DO I FESTIVAL DE VIVÊNCIAS CULTURAIS E SABERES QUILOMBOLAS DO RIO DAS TRAÍRAS – COMUNIDADE QUILOMBOLA NEGROS DOS BATISTAS - TRAIRI/CE

Antonio Juscelino Barbosa dos Santos[1]
José Brito da Silva Filho[2]
José Cláudio Leôncio Gonçalves[3]
Cícero Joaquim dos Santos [4]



Reunião de planejamento com a diretoria da Associação Quilombola Afro trairiense Negros dos Batistas - AFRONB no Beija Bode – Trairi - CE

INTRODUÇÃO

> *"Mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimam os significados. Mesmo que queimem os corpos, não queimam a ancestralidade"* (Nego Bispo).

A citação do pensador, quilombola e ativista Antonio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, destaca a força inegável da cultura, da memória e da resistência

[1] Doutorando do Curso de Ensino de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, Email: juscelino.santos@urca.br
[2] Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do norte- UFRN, jbsfig@gmail.com;
[3] Doutorando em Ensino de História/Profhistória pela Universidade Regional do Cariri - URCA, claudioleoncio@gmail.com;
[4] Professor orientador: Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Email: joaqui.santosr@urca.br

dos povos tradicionais, que sobrevivem à violência e às tentativas de apagamento colonial desde que foram trazidos a força de África. Ela sintetiza não somente a luta do povo negro, mas a resistência dos povos originários e das comunidades afrodiaspóricas frente aos processos de apagamento e colonização.

Segundo Luiz (2025) a cultura ocidental e colonial valoriza o registro escrito como a única forma oficial de guardar a história. Porém, para os povos indígenas e quilombolas, a oralidade é viva, passa de geração em geração pela fala, pelas rodas, pelas músicas e pelos contos. Queimar um livro ou um documento não apaga o conhecimento que está guardado na memória e na voz do povo. Os símbolos podem ser destruídos pela opressão (MARINHO, 2022). No entanto, o sentido e a essência por trás deles continuam vivos no coração e na prática de quem os cultiva. A ideia resiste mesmo quando o objeto físico é apagado (AMARAL; LOUSA, 2026). É uma afirmação sobre a violência física sofrida pelos povos negros e indígenas ao longo da história. Embora tentem destruir a existência física, a ancestralidade, ou seja, a força dos mais velhos, a continuidade da luta e a ligação com a terra, permanece viva e fertiliza as novas gerações.

De modo que Nego Bispo lembra que a verdadeira força de um povo não depende de registros materiais ou de aparências que o poder dominante possa queimar ou controlar; ela é imaterial, coletiva e eterna. A reflexão do autor destaca dimensões centrais do seu pensamento, a importância oralidade como arquivo vivo, a imaterialidade dos significados, bem como a força que carrega a nossa ancestralidade.

Assim, para Luiz (2025) diante de historicídios e do apagamento de registros impressos ou formais, a transmissão de saberes pela palavra falada, pelos cantos e pelas histórias preserva a memória coletiva de geração em geração. A destruição física de símbolos ou monumentos não apaga os valores, visões de mundo e saberes ancestrais reexistentes na vida comunitária. Nem a violência física contra os corpos não é capaz de interromper o fluxo do pertencimento e da identidade que conecta o presente ao passado e ao futuro. A filosofia de Nego Bispo convida a repensar a cultura e a história a partir das narrativas de contra colonização e da valorização dos

saberes populares e orgânicos mantidos nos territórios tradicionais (MARTINS et al., 2019).

A história da população negra no Ceará é frequentemente atravessada por narrativas de invisibilização e pelo mito do apagamento dos povos de matriz africana no estado, principalmente quando alimentado a ideia do mito de quase ausência de negros no estado. Esta foi uma narrativa histórica e social construída pelas elites intelectuais cearenses ao longo do século XIX e início do século XX (FRANÇA, 2023). Essa tese afirmava que a população de origem africana era insignificante ou inexistente no estado, reduzindo a identidade do povo cearense quase exclusivamente à miscigenação entre o colonizador europeu e os povos indígenas, sendo a célebre personagem literária *Iracema*, de José de Alencar, o maior símbolo desse mito fundador. Historiadores e pesquisadores contemporâneos chamam esse fenômeno de "racismo à cearense", pois ele promoveu um profundo apagamento histórico, físico e cultural da população negra no estado.

> O “racismo à cearense”, diferentemente do “racismo à brasileira”, teorizado por Damatta (2000) como “fábula das raças” — calcado na pretensa harmonia racial que reforçava hierarquias entre brancos, índios e negros no Ceará — é caracterizado somente pela relação entre brancos e índios, excluindo a presença negra; isso gerou o que Antonio Vilamarque Sousa (2006) identificou como “racismo à cearense” (SANTOS GOMES, 2024, p. 10).

No entanto, a atuação contínua dos movimentos sociais e a autoafirmação das comunidades tradicionais vêm reafirmando a centralidade dos territórios quilombolas como espaços de preservação cultural, ecológica e política como é o caso de Trairi. Localizada neste município, a Comunidade Quilombola Negros dos Batistas, no Beija-Bode, representada juridicamente pela *Associação Afrotrairiense Quilombola Negros dos Batistas (AFRONB)*, configurou-se no ano de 2025, como o palco anfitrião do *I Festival de Vivências Culturais e Saberes Quilombolas do Rio das Traíras.*

O evento surgiu da necessidade de salvaguardar e difundir as práticas ancestrais, valorizar os mestres e mestras da tradição oral e promover o direito humano à cultura quilombola no Litoral Oeste cearense. Apoiado pelo Ministério da Cultura e pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará com

recursos da Lei Federal n.º 14.399/2022 - Política Nacional Aldir Blanc - PNAB, o projeto orçado em R$ 100.000,00 reuniu lideranças, artistas, pesquisadores e a comunidade local em torno de uma práxis emancipatória.

Nesse sentido, este artigo visa sistematizar as contribuições socioculturais do festival, analisando sua metodologia de planejamento e execução, seus eixos de atuação e os desdobramentos sociopolíticos na vida comunitária. Além disso, nessa primeira edição, o projeto contou com a parceria logística e institucional da Prefeitura Municipal de Trairi, articulando ações conjuntas com as Secretarias de Cultura, Educação, Assistência Social, Agricultura, bem como com a Autarquia do Meio Ambiente de Trairi (AMAT) e a Autarquia de Trânsito.

Como nos ensina Oliveira (2025) a valorização das culturas tradicionais e a salvaguarda dos saberes ancestrais vêm ocupando papel de destaque no debate contemporâneo sobre patrimônio cultural, direito à memória e justiça social no Brasil. No âmbito das comunidades quilombolas, essa reflexão adquire contornos urgentemente políticos, uma vez que tais territórios representam espaços históricos de resistência à dominação colonial, ao racismo estrutural e ao sistemático apagamento das contribuições da população negra na formação social do país (ALMEIDA, 2022).

Inserido no território do Litoral Oeste cearense, no município de Trairi/CE, configura-se como uma bacia de vida e cultura em que se articulam e povoam diversas comunidades tradicionais. Nesse horizonte territorial o festival surge como uma ação afirmativa de caráter formador, comunitário e simbólico. Tendo como palco a Comunidade Quilombola Negros dos Batistas, a iniciativa propôs-se a criar espaços de encontro, celebração, reflexão crítica e partilha de saberes e fazeres locais. Este artigo, portanto, objetiva analisar os impactos, as percepções e as perspectivas desdobradas dessa experiência, compreendendo o festival não como um evento isolado, mas como uma estratégia contínua de mobilização de base, valorização da ancestralidade e reconstrução de narrativas históricas contra-hegemônicas na região do Trairi.

Historicamente submetidas à marginalização socioeconômica, à negação de direitos fundamentais e à ameaça de dispersão de suas práticas identitárias, as comunidades tradicionais enfrentam o desafio constante de

manter vivos os seus laços de pertencimento e a transmissão intergeracional de sua memória. Diante desse panorama histórico e social, estabelece-se a seguinte questão problematizadora: De que maneira a realização do *I Festival de Vivências Culturais e Saberes Quilombolas do Rio das Traíras* impacta a afirmação identitária, a coesão comunitária e as perspectivas de continuidade das práticas ancestrais na Comunidade Quilombola Negros dos Batistas, em Trairi/CE?

Como objetivo geral, o artigo pretende analisar os impactos, as percepções e as perspectivas decorrentes da realização do I Festival de Vivências Culturais e Saberes Quilombolas do Rio das Traíras na Comunidade Quilombola Negros dos Batistas, em Trairi/CE, sob as dimensões cultural, social e política. E como objetivos específicos: Compreender o festival enquanto estratégia de resistência, salvaguarda dos saberes tradicionais e valorização da memória coletiva quilombola; Identificar a percepção dos moradores e participantes sobre as transformações no sentimento de pertencimento e na afirmação identitária, especialmente entre os jovens e as crianças; Mapear as perspectivas de continuidade e os desdobramentos socioculturais do festival enquanto modelo pedagógico e político de gestão cultural comunitária.



Semeaduras: Realização de palestras e oficinas ministradas por especialistas, com foco em educação antirracista, história dos quilombos e direitos das comunidades tradicionais. As ações fomentaram o debate a favor de uma educação transformadora e o enfrentamento ao racismo estrutural e à colonialidade.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se metodologicamente como um relato de experiência fundamentado na observação participante e na imersão direta dos autores no processo de planejamento, execução e avaliação do *I Festival de Vivências Culturais e Saberes Quilombolas do Rio das Traíras*, realizado na Comunidade Quilombola Negros dos Batistas (Trairi/CE).

A dinâmica das atividades observadas e vivenciadas esteve estruturada em três momentos eixos centrais: *Semeaduras:* Encontros educativos e oficinas práticas voltadas à transmissão dos saberes tradicionais (como o artesanato com a palha da carnaúba, saberes medicinais, contação de histórias e culinária ancestral); *Terreiranças:* Momentos de convivência nos terreiros e casas da comunidade, promovendo diálogos horizontais entre os moradores locais, lideranças e visitantes de outras comunidades quilombolas da região do Rio das Traíras; *Tertúlias quilombolas:* Espaços festivos e artísticos noturnos com apresentações de folguedos, reisados, danças, música popular e manifestações poéticas. Os dados foram registrados por meio de diários de campo, registros fotográficos e rodas de conversa informais com idosos "troncos velhos", jovens e lideranças comunitárias, permitindo a apreensão das percepções e sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos à vivência do festival.



As terreiranças foram as vivências teórico-práticas realizadas durante o festival, funcionando como espaços de integração, oficinas e momentos de formação. O objetivo foi circular pelos espaços da Comunidade Quilombola Beija Bode para compartilhar conhecimentos tradicionais, promover o intercâmbio de saberes e fortalecer a rede entre comunidades quilombolas do Ceará.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A sustentação teórica deste trabalho articula os conceitos de identidade, território cultural, educação popular e políticas de salvaguarda patrimonial. A reflexão sobre a identidade cultural toma por referência a perspectiva de Hall (2006), para quem a identidade não é uma essência fixa ou estática, mas um processo histórico e dinâmico, em constante produção e atravessado por disputas simbólicas e de poder. No ambiente quilombola, o festival torna-se um dispositivo de ressignificação identitária, permitindo que a comunidade se posicione no espaço público enquanto sujeito ativo de sua narrativa.

A dimensão territorial é abordada a partir das formulações de Santos (2002), que concebe o território não apenas sob a materialidade geográfica, mas como um *território usado*, atravessado por relações interpessoais, memórias, afetos e práticas simbólicas. Trairi representa o elo vital que interliga as comunidades quilombolas da região, sendo o palco vivo onde a cultura ganha sentido corpóreo e comunitário. No âmbito dos processos formativos, acolhe-se a pedagogia libertadora de Freire (2005), centrada no diálogo, no respeito aos saberes prévios e na construção emancipatória do conhecimento. A estruturação do festival por meio de vivências coletivas reflete o princípio freiriano de que a cultura popular é campo de conscientização política e transformação do sujeito.

Por fim, dialoga-se com os aportes sobre políticas culturais comunitárias e teatro/arte militante de base popular no Ceará, ressaltando a trajetória das redes regionais de articulação cultural que historicamente utilizam a linguagem artística como ferramenta de reivindicação de direitos e celebração da vida. A realização do festival na Comunidade Quilombola provocou desdobramentos de ordem simbólica, social e econômica, que podem ser agrupados em três dimensões norteadoras:

Impacto na percepção identitária e valorização da ancestralidade

A vivência do festival operou como um catalisador do orgulho de pertencer ao território quilombola. Em um contexto histórico no qual traços da

cultura negra eram frequentemente estigmatizados ou silenciados, a visibilização das rezas, das danças tradicionais, da culinária típica e das narrativas dos "troncos velhos", guardiões da memória comunitária fortaleceu a autoestima coletiva. Esse impacto foi especialmente notório em relação às crianças e jovens do quilombo, os quais frequentemente estudam em escolas fora do território e sofrem com preconceitos velados. O festival proporcionou a essa juventude o reencontro e o reconhecimento do valor intrínseco de suas origens.

Fortalecimento comunitário e diálogo intergeracional

As etapas preparatórias do evento, marcadas por reuniões democráticas e escuta ativa de diferentes faixas etárias, funcionaram como ponto de coesão comunitária. A divisão de tarefas e o compartilhamento dos espaços domésticos e comunitários para a realização das *Semeaduras* e *Terreiranças* restabeleceram laços afetivos e solidários. Além disso, o festival propiciou um ambiente fecundo de transmissão intergeracional do conhecimento, onde os mais velhos ensinaram e os mais jovens assumiram a continuidade de fazeres ancestrais em risco de esquecimento, tais como o trançado da palha de carnaúba e o uso de ervas medicinais.

Sustentabilidade, autonomia e visibilidade externa

Sob a dimensão socioeconômica e política, o festival atraiu público externo e comitivas de comunidades quilombolas vizinhas ao longo do Rio das Traíras, dinamizando a economia local e valorizando a produção artesanal e gastronômica da comunidade. A visibilidade conferida aos Negros dos Batistas reafirmou o território como polo de produção cultural ativa e autônoma, abrindo perspectivas para o fortalecimento do turismo comunitário e para a reivindicação do cumprimento de políticas públicas voltadas à infraestrutura, educação e salvaguarda do patrimônio imaterial.

A escolha do festival e do território da comunidade quilombola como foco deste trabalho justifica-se pela urgente necessidade de desconstruir esses

silenciamentos históricos através da documentação e difusão de iniciativas produzidas pela própria comunidade. Trata-se de reconhecer que ações culturais de base comunitária, concebidas sob a ótica da gestão compartilhada e da educação popular, atuam como pilares de sustentabilidade social e política. A reflexão sistematizada sobre esse evento fornece subsídios práticos e teóricos essenciais para a formulação de políticas públicas culturais descentralizadas e voltadas à promoção dos direitos humanos no Nordeste brasileiro.



As tertúlias quilombolas se revelaram importantes espaços de difusão e fruição cultural porque funcionam como locais de transmissão da tradição oral, fortalecimento da ancestralidade e resistência comunitária. Nelas, os saberes passam de geração em geração por meio da fala, da música e da vivência coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O festival se configura como marco estratégico para a Comunidade Quilombola Negros dos Batistas, juridicamente representada pela AFRONB. Mais do que uma celebração pontual, o evento constitui-se como um polo de salvaguarda, resistência e valorização do patrimônio cultural imaterial regional, cujos redobramentos desdobram-se em três dimensões estruturantes: a afirmação identitária, o fortalecimento da coesão comunitária e a garantia da continuidade das práticas ancestrais. Assim, no âmbito da afirmação identitária,

o festival atua como uma vitrine pública da memória e da resistência afro-ancestral.

Por meio das *Tertúlias Quilombolas*, espaços dedicados às manifestações artísticas, a comunidade expõe a dinamicidade de sua história oral e cultural, o que contribui para a desconstrução de estigmas raciais e para o fortalecimento do pertencimento e da autoestima étnica. Essa visibilidade reflete-se, do mesmo modo, no plano socioeconômico e político: a envergadura do evento consolida a auto atribuição e a legitimação da comunidade perante o Poder Público municipal e estadual, tensionando e assegurando a efetivação dos direitos territoriais e à memória coletiva.

Sob a ótica da coesão comunitária, a iniciativa promove a articulação de redes solidárias e o estreitamento de laços institucionais. Ao viabilizar o intercâmbio direto com outras comunidades tradicionais do estado do Ceará, tais como Alto Alegre, Conceição dos Caetanos, Água Preta e Nazaré, o festival integra demandas locais a uma teia mais ampla de apoio mútuo e mobilização política. Paralelamente, a articulação com a Prefeitura Municipal de Trairi viabiliza a oferta de ações integradas nas áreas de assistência social, saúde e cultura, aproximando os moradores das políticas públicas e fomentando o diálogo institucional sem abdicar da autonomia comunitária.

No tocante à continuidade e salvaguarda das práticas ancestrais, o evento desempenha um papel central na transmissão intergeracional dos saberes. Metodologias como as *Semeaduras* e as *Terreiranças* colocam os Mestres da Cultura no centro do processo educacional de crianças e jovens. Esse fluxo pedagógico tradicional abrange desde as expressões simbólicas e o artesanato até as técnicas de agricultura familiar e o manejo sustentável da terra e dos recursos hídricos, garantindo que o modo de vida tradicional permaneça vivo, autônomo e gerador de renda para as futuras gerações.

Portanto, o festival reafirma-se como uma política de salvaguarda de base comunitária fundamental. Ao entrelaçar cultura, direitos territoriais, sustentabilidade e educação patrimonial, o evento projeta a Comunidade quilombola não apenas como guardiã de uma herança histórica, mas como agente ativa de transformação social e soberania cultural no cenário cearense.

ISSN: 2358-8829



Dona Toinha liderança da Comunidade Quilombola de Agua Preta – Município de Tururu. Comunidades vizinhas e do entorno da Comunidade Quilombola participando das rodas de conversa e das atividades do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O festival consolidou-se como uma bem-sucedida experiência de afirmação identitária, pedagogia social e resistência política. O relato de experiência demonstra que, longe de constituir um mero espetáculo para consumo externo, a metodologia fundamentada nas *Semeaduras*, *Terreiranças* e *Tertúlias* colocou a própria comunidade no centro da gestão de seu patrimônio, reavivando memórias adormecidas e aproximando as diferentes gerações em prol do futuro do território.

Como perspectivas para o futuro, sobressai a urgência de garantir a perenidade do festival enquanto política cultural de base comunitária, integrando-o de forma permanente ao calendário da região do Rio das Traíras. A experiência do festival reafirma que a preservação da memória e dos saberes quilombolas é condição indispensável para a construção da justiça histórica, da equidade social e da dignidade do povo negro no Ceará.

Palavras-chave: Resumo expandido; Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. Editora Elefante, 2022.

AMARAL, Lara; LOUSA, Teresa. Artigo: CORPOS INSURGENTES: Estratégias artísticas de resistência frente ao conservadorismo e ao capitalismo informacional. **Art&Sensorium**, v. 13, n. 01, p. 94-111, 2026.

BISPO DOS SANTOS, Antonio (Nego Bispo). *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. *4º Edital Territórios Periféricos – Interior (PNAB)*. Fortaleza: SECULT, 2025.

FRANÇA, Lusirene Celestino. Racismo e invisibilidade negra: o legado da emancipação da escravidão no Ceará. **Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História**, v. 17, n. 1, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUIZ, João Marcos Maciel. **Presente da palavra:** oralidade, memória e história nas margens dos documentos oficiais. 2025.

MARINHO, Paula Márcia de Castro. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social. **Sociedade e Estado**, v. 37, n. 2, p. 489-510, 2022.

MARTINS, Greice et al. Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo. **Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, v. 2, n. 1, p. 73-84, 2019.

OLIVEIRA, Isabella Marques de. **Restituir é Direito e Poder: A Repatriação de Bens Culturais na Perspectiva Decolonial**. Editora Thoth, 2025.

SANTOS GOMES, Arilson dos. As relações raciais no Ceará e o raid dos jangadeiros negros em época de Lei Afonso Arinos (1951-1958). **PerCursos**, v. 25, p. e0115-e0115, 2024.

SANTOS, Antonio Juscelino Barbosa dos. ***Relatório Final de Prestação de Contas do I Festival de Vivências Culturais e Saberes Quilombolas do Rio das Traíras*.** Trairi/CE: AFRONB / Tear Cultural, 2026.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.